



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

8 | 2011

Ponto Urbe 8

“Pra ele se sentir bem...”: notas etnográficas sobre os jovens e o prazer

Ane Talita da Silva Rocha



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1862>

DOI: 10.4000/pontourbe.1862

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Ane Talita da Silva Rocha, « “Pra ele se sentir bem...”: notas etnográficas sobre os jovens e o prazer », *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 30 julho 2011, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1862> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1862

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

“Pra ele se sentir bem...”: notas etnográficas sobre os jovens e o prazer

Ane Talita da Silva Rocha

NOTA DO AUTOR

Artigo elaborado a partir do trabalho de campo realizado para a pesquisa de iniciação científica intitulada “Os jovens e o prazer: um recorte de gênero na escola pública”, sob a orientação da Prof. Dra. Heloísa Buarque de Almeida, do Departamento de Antropologia/USP. A pesquisa contou com o financiamento do convênio Santander/USP.

Introdução

- 1 Normalmente quando pensamos em pesquisas sobre sexualidade e juventude nos vêm à cabeça questões como a gravidez na adolescência e a prevenção de DST/AIDS, a partir de um viés muitas vezes prescritivo, em que as experiências desses sujeitos são problematizadas em termos de prevenção, objetivando a mudança de comportamentos, sem que as relações e a visão de mundo desses atores sejam levadas em conta. Por outro lado, vivenciar experiências prazerosas, em que se busca sair do controle social e da pauta familiar, seja no âmbito da sexualidade ou não, é muito valorizado nessa fase da vida.
- 2 Partindo de uma perspectiva dos estudos de gênero, procurei compreender como as experiências sexuais são colocadas em discurso por jovens estudantes de uma escola de ensino médio pública, atentando para a forma como o “prazer” aparece em suas falas (será que o gênero construído socialmente influi nos discursos acerca do prazer? de que maneira?). Tomei como hipótese que o prazer sexual não é frequentemente colocado no plano do dizível porque traria à baila discursos que demonstrariam as disparidades nas relações de gênero numa população que se acredita mais “esclarecida”.

- 3 No texto presente deter-me-ei na experiência etnográfica vivenciada com os jovens na escola, pensando inicialmente as dificuldades encontradas para pesquisar tal tema no ambiente escolar, a posterior entrada no campo e o estabelecimento das relações com os jovens e sobre o meu "lugar" no cotidiano da escola. Em seguida, compartilho as primeiras reflexões a partir das entrevistas e grupos focais¹ realizados com os alunos, frisando que não pretendo ser conclusiva, uma vez que a pesquisa é exploratória.

A dificuldade de entrar em campo: o tema tabu

- 4 A escola foi escolhida como local para pesquisa de campo devido a possibilidade de um contato prolongado com o cotidiano dos jovens; além disso, é um ambiente em que as representações presentes nos discursos dos alunos fazem referências a ambientes exteriores, através da família, amigos e toda a rede de sociabilidade da qual o jovem participa; nesse sentido, é um local privilegiado à observação de diferentes percepções sobre determinados assuntos.
- 5 Mas a minha inserção no ambiente escolar não foi nada fácil. Quando contatei a escola pela primeira vez, em julho de 2009, a direção mostrou-se interessada na pesquisa, pedindo que eu participasse de uma reunião com os docentes para explicar de que forma o trabalho se realizaria e eventuais dúvidas fossem esclarecidas. Nesta reunião, a maioria deles recebeu a proposta de pesquisa com "bons olhos", reiterando a "fama de moderna" que a escola Arco Íris² possui. Entretanto, três professoras se declararam receosas quanto às "consequências" que o tema da pesquisa (o prazer!) traria aos jovens, sobretudo às meninas. Argumentei que o objetivo da pesquisa era compreender as experiências sexuais dos alunos através de seus discursos e não incentivá-los. De nada adiantou; assim, a direção da escola me informou que não estava disposta a entrar em conflito com o corpo docente, e solicitaram que eu a contatasse novamente em dezembro de 2009, a fim de definir se o trabalho de campo poderia ser realizado no primeiro semestre de 2010.
- 6 Essa dificuldade encontrada para a inserção em campo já traz em si diversos temas para reflexão. O primeiro ponto é o lugar da sexualidade na escola: a atitude das referidas professoras exemplifica o "medo" que a sexualidade do adolescente provoca em pais e educadores; o sexo é o lugar do "perigo" (de uma gravidez precoce, que perturbaria todo um projeto de vida que esse jovem poderia ter), da transgressão e das "doenças" (sobretudo depois do advento da AIDS). O prazer não seria um tema de interesse imediato, uma vez que a questão da contracepção e da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis seriam primordiais nesse momento em que o jovem conquista uma maior autonomia sobre o seu corpo. Nesse sentido, notamos uma biologização/medicalização do debate acerca da sexualidade juvenil, que dessa forma ganha espaço na esfera pública através da suposta vulnerabilidade dos jovens: "na última década, o incremento de pesquisas sobre os comportamentos sexuais e reprodutivos dos jovens brasileiros, tem como intuito, não apenas retratar as práticas dessa população, mas principalmente, proporcionar informações que possibilitem a promoção de sua saúde preventiva, mais especificamente das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e do HIV/AIDS, ao mesmo tempo que busca proporcionar a possibilidade de planejamento das gestações, para que essas não ocorram de forma indesejada" (FIGUEIREDO, 2008, p.29). Assim, percebemos que a preocupação se volta cada vez mais para uma noção de educação sexual e a construção de "corpos educados" (LOURO, 1999), na qual ao mesmo tempo em que a escola deve falar

sobre alguns assuntos a fim de incentivar práticas "seguras", deve regular e tentar "adiar" o exercício da sexualidade por parte dos jovens.

- 7 O prazer, as relações de gênero e a homofobia são os lugares do não-dito nas escolas e muitas vezes na sociedade em geral, principalmente entre os jovens entre 15 e 18 anos. Considero a escola como uma instituição política e não apenas técnico-educativa, que assim terá que lidar com a regulação e a norma. Mas não só terá também que se ater ao conflito que ainda não se instituiu como fala, mas que pode ser encontrado nesse silêncio sobre alguns assuntos. Dessa forma, o esforço de colocar a questão do prazer no plano do dizível, visível e contável pode ajudar a colocar em debate as relações de gênero e poder que são disseminadas desde o início da vida sexual dos jovens, em que o modelo heterossexista e homofóbico se perpetua. Aí se encontra o perigo e a impureza (e advém o medo) do tema: a possibilidade de trazer à baila discursos que demonstrariam as disparidades nas relações de gênero numa população que se acredita mais "esclarecida"; afinal, esses jovens vivem em tempos de liberdade sexual (outro perigo), de informações supostamente disseminadas etc.
- 8 Diante desse cenário, e tentando estabelecer um sistema de trocas recíprocas (semelhante ao que propõe Mauss em Ensaio sobre a Dádiva [2003]), propus à direção a realização de uma palestra sobre métodos contraceptivos, com a condição de que ela fosse ministrada após a pesquisa de campo, para não influenciar no resultado desta. A princípio, houve interesse por parte da escola; porém, com o passar do tempo, essa espécie de contra-dádiva foi esquecida por parte da direção.
- 9 Comecei o trabalho de campo em março de 2010, sem precisar de qualquer outra reunião com os professores. As três docentes que se opuseram à minha entrada na escola no ano anterior não faziam mais parte do quadro de funcionários e os novos professores não comentaram a minha presença.

Conhecendo o contexto escolar

- 10 A escola na qual a pesquisa de campo se realizou, apesar de ser pública, é bastante atípica. Localiza-se num bairro de classe média-alta da cidade de São Paulo e possui fama de ser uma "escola modelo" devido aos inúmeros projetos sócio-educativos em que está inserida. Possui dez salas de aulas, mas até o ano de 2009 apenas cinco destas eram utilizadas, uma vez que, devido a sua localização, não atraía alunos de bairros mais periféricos. Diante da ameaça de fechamento do estabelecimento por parte da diretoria de ensino (estadual ou municipal?), a direção da escola realizou um amplo trabalho de divulgação em escolas de ensino fundamental a fim de que a demanda por vagas crescesse. Deu resultado: em 2010, pela primeira vez, as dez salas de aulas estão ocupadas, sendo que cinco delas por alunos do primeiro ano. Percebe-se claramente que a direção da escola não estava preparada para esse aumento no número de alunos, principalmente com relação à disciplina que se espera por parte dos jovens, uma vez que entre os meses de março e junho, cerca de dez alunos foram "convidados a se retirar"³, seja por problemas com drogas⁴, seja por problemas de "comportamento".
- 11 A entrada de novos alunos parece demarcar uma nova clivagem de classe social dentro da escola. Se entre os alunos do terceiro ano, 32% são oriundos de escolas particulares, entre os do primeiro ano esse número cai para 18%⁵ (número que ainda pode ser considerado alto, se comparado com o de outras escolas públicas da cidade). Se grande parte dos

alunos do primeiro ano prefere escutar *funk*, pagode e *black*, muitos alunos do terceiro ano gostam mais de rock e música eletrônica. Se entre os alunos do terceiro ano, vemos um predomínio do estilo "happy rock"⁶, com suas botinhas "nike", calças, óculos e cabelos hiper coloridos, não temos a mesma adesão a esse estilo por parte dos novos alunos. "Nessa escola tem muito 'colorido', não tô acostumado com isso não. Na minha outra escola, não se via essas coisas" (Pedro, 16 anos, aluno do primeiro ano)⁷.

- 12 Além dessa heterogeneidade de classe social e estilos, uma outra característica importante dessa escola é a diversidade sexual que nela encontramos. Casais gays e lésbicos podem ficar abraçados e se beijar na hora do intervalo, correm histórias de alunas que *ficam* com amigas, os alunos homossexuais não têm vergonha de se "assumirem" no ambiente escolar. Entre os 260 alunos que responderam ao questionário, 9 se declararam homossexuais (três meninos e seis meninas); 16 declararam-se bissexuais (todas meninas) e 7 disseram que ainda não sabem sua orientação sexual (todas meninas). Entretanto, apesar da aparência de extrema liberalidade, conforme vamos acompanhando o cotidiano dos alunos, percebemos a homofobia que se esconde atrás dessas cortinas. A fala de Paulo, aluno do terceiro ano, resume o que ouvi de muitos outros garotos, "eu acho muito feio isso (homossexualidade), acho estranho, não gosto. Mas como aqui (na escola) acham que é normal, eu fico na minha".

Entrando em campo : As primeiras dificuldades e construindo os primeiros laços

- 13 Cheguei para o primeiro dia de campo sem saber exatamente o que iria encontrar e cheia de receios quanto a reação dos alunos à minha presença na escola, ainda mais se tratando "daquele assunto".
- 14 Nas primeiras duas semanas, permaneci invisível (assim como Geertz, quando narra sua experiência em Bali) para os alunos. Ficava no pátio, observando-os durante a entrada, o intervalo entre as aulas, as aulas de educação física, mas nada acontecia...Ninguém me olhava, ninguém falava comigo, eu somente anotava, anotava e anotava. Para os funcionários da escola, eu era uma estagiária (modo como a direção da escola me apresentou) "diferente" porque não acompanhava as aulas (e assim permaneci até o final) e ficava no pátio, "sem fazer nada". Para os professores me apresentei no primeiro dia, com o intuito de que eles colaborassem de alguma maneira com a pesquisa, porém a maioria me confundia com uma aluna (mesmo depois de eu ter me apresentado, o que mostra a relação que eles têm com o "estrangeiro"), e só vinham falar comigo para me dar bronca, achando que eu estava "cabulando" aula no pátio. Esse "não-lugar" reservado a mim na escola durou pelo menos um mês (para os professores eu era mais uma aluna e para os alunos eu não era ninguém).
- 15 Disto, podemos pensar o quanto as classificações que os "nativos" fazem a nosso respeito são importantes para o andamento da etnografia. O antropólogo chega a campo com os seus próprios marcadores sociais de diferença (no meu caso : mulher, jovem, heterossexual), interpretados pelos sujeitos de pesquisa na construção da relação sujeito/pesquisador.
- 16 Com o passar do tempo, alguns meninos começaram a puxar conversa comigo (para o meu espanto, pois minha ideia inicial era me aproximar das meninas primeiro), achando ora que eu era uma aluna nova, ora que eu era estagiária. Foram as primeiras

oportunidades de contar o que eu estava fazendo ali para os alunos, que por sua vez, contavam para seus amigos. Aos poucos, os jovens sabiam que eu estava fazendo uma pesquisa sobre sexualidade...

- 17 A chegada de uma nova inspetora de alunos mudou o rumo das coisas. Magda tem 37 anos e há sete trabalha em escolas, é bastante expansiva, os alunos logo gostaram⁸ dela e nos demos bem desde o primeiro dia. Ela se transformou numa figura chave para a pesquisa, uma vez que me apresentou para muitos alunos e a partir da sua referência pude estabelecer minha própria rede de contatos dentro da escola. Através de Magda estabeleci relações com as meninas, que a princípio se mostravam "acuadas". "A gente pensava que você era aluna, e te achamos metida porque não ia lá falar com a gente, também, com essa cara de nova, como a gente ia saber que você já tá terminando a faculdade?" (Giovana, 17 anos). Além de facilitar o meu contato com os alunos, Magda tomou para si a tarefa de prestar atenção em tudo que acontecia na escola relacionado à sexualidade para me contar nos dias que eu fosse a campo, uma vez que ela "gosta de histórias" e devido a sua função fica todo o período de aula no corredor, próxima ao banheiro⁹, tornando-se logo confidente de muitos alunos.

Tornando-me "tia" para uns, "parceira" para outros

- 18 De possível estagiária ou aluna nova, passei a ser a "tia" com quem os alunos poderiam conversar sobre *qualquer* coisa, uma vez que eu estava fazendo uma pesquisa sobre sexualidade e a princípio estaria interessada em suas histórias, "sem normas, só escutando a gente, conversando de igual para igual, diferente das outras pessoas mais velhas" (Janaína, 16 anos). O campo tornou-se um grande prazer e era como se eu fosse encontrar amigos. Logo na entrada, os alunos me cumprimentavam, comentando que sentiram minha falta durante os dias de ausência, perguntando quando seriam as entrevistas (estavam ansiosos por serem entrevistados!) e contando sobre os "bafos" do final de semana. Muitos me adicionaram na rede social *orkut* e me mandam recados contando sobre suas novidades, brigas com namorados e "ficantes" e pedindo conselhos. O *scrap*¹⁰ que uma aluna me mandou é ilustrativo para pensarmos a relação que se estabeleceu: "Tia!!! Novidade!!! No domingo, eu e minha mãe fomos passar o dia na casa do Daniell! Foi super bom, eu adorei todos! Super fofo, cada dia tô mais apaixonadinha por ele...Beijão, gatona! Saudades de você!♥". Essa relação de confiança e amizade foi importante no momento em que eu comecei a fazer os grupos focais e as entrevistas, pois mesmo se tratando de um assunto tão íntimo, os alunos se sentiram a vontade para falar abertamente suas opiniões.
- 19 As conversas não giravam apenas em torno da sexualidade e das relações afetivas, os alunos me contavam sobre seus problemas com os pais, sobre suas dificuldades na escola, sobre seus planos para o futuro (ou sobre a falta deles). Tornei-me *parceira* ("Vem cá tia, me dá um abraço, você é parceira de verdade!" - Pedro, 16 anos) para alguns meninos¹¹.
- 20 Apesar desse "encontro etnográfico" (OLIVEIRA, 1996), é necessário lembrarmos que a observação participante é mais uma possibilidade de captar as ações e os discursos em ato do que uma improvável metamorfose em "nativo", o que não significa que não seremos afetados por essa experiência (no sentido que Favret-Saada dá ao termo); desse modo a identificação com o grupo deve se dar nos termos do devir, que é o "movimento através do qual um sujeito sai de sua própria condição por meio de uma relação de afetos que consegue estabelecer com uma condição outra" (Goldman, 2003, p. 430). Portanto, o devir

é o que nos arranca não apenas de nós mesmos, mas de toda identidade substancial possível, trata-se de apoiar-se em diferenças para não reduzi-las à semelhança.

Juventude e relações de gênero: os discursos sobre o prazer

- 21 Apesar da aparente liberalidade sexual que se vê no ambiente escolar, os estereótipos de gênero agem a todo momento nas relações entre os jovens pesquisados. A menina ainda é vista como diferente ao menino, “por mais que ela procure agir que nem o homem, não tem como. Ela não tem aquele...Sabe? O menino pensa na razão e a menina pensa no sentimento. Por mais que a menina tente pensar na razão, ela não vai conseguir nunca” (Vanessa, 17 anos), não podendo fazer as mesmas coisas que eles fazem, principalmente no tocante à sexualidade. O menino que “pega” várias garotas ainda é visto como “o cara” e a menina que fica com vários garotos é a “vaca”: “o homem ainda é preconceituoso em relação à mulher, em questão de ah...se a menina fica com todo mundo, ela é puta. O homem não, se o homem fica com todo mundo não, ele é o bambambam, ele é “o cara” né... Eu também acho isso, que a menina tem que se preservar (...) Antes de ficar com uma menina eu procuro saber antes qual é a dela, e dependendo eu vou só pra aproveitar porque ninguém é bobo...” (Cauã, 18 anos). Esse tipo de concepção está presente tanto na fala dos meninos quanto das meninas, “as meninas de hoje em dia, pelo amor de Deus, tão muito putas!” (Luiza, 16 anos), a partir disto, podemos pensar que o acesso a muita informação¹² e o fato de serem considerados mais “liberais”, não muda o discurso vigente entre eles, que ainda é extremamente opressor.
- 22 Em geral, as meninas procuram mostrar que são “descoladas” e que possuem total liberdade sobre o próprio corpo, porém, quando das entrevistas e dos grupos focais, elas se mostravam muito mais “inexperientes” e “recatadas” do que poderíamos imaginar a partir da “performance” que elas fazem quando estão com seu grupo de pares (seja no intervalo, seja na praça, local aonde os alunos ficam quando saem mais cedo da escola).
- 23 Partindo da ideia de Gagnon (2006), analiso as fontes sociais do processo de aprendizagem da conduta sexual, introduzindo a concepção de *roteiro sexual*. O autor salienta a importância da identificação e compreensão das regras culturais (explícitas ou implícitas) que estruturam as práticas e comportamentos sexuais, bem como de elementos objetivos e subjetivos que integram essa experiência (como os marcadores sociais de diferença – idade, gênero, raça, cor, etnia, orientação sexual, classe social – ; as expectativas, os sentimentos, as relações de poder, entre outros). Tenho por pressuposto que o prazer é de certa forma uma fonte de poder, no sentido de que toda relação sexual parte de uma negociação e do exercício de poder. Porém, segundo José Olavarría (2005, p. 122) essa negociação traria implícita em muitos casos, uma relação desigual entre os atores, onde a pessoa responsável pelo papel feminino, quando há essa “personagem” (seja biologicamente mulher ou não), teria menos poder de barganha na negociação do jogo e no consequente prazer sexual.
- 24 Na primeira fase do trabalho de campo realizei entrevistas com 13 alunos¹³ e nas narrativas apresentadas pelos jovens, o menino aparece sempre como o protagonista das histórias e a menina desempenha sempre um papel relacional (HEILBORN, 1999), onde suas ações são submetidas à avaliação do grupo (principalmente do parceiro). O prazer

entra nessas narrativas como o lugar do "não-dito", pois não há conversas sobre isso entre os casais, mesmo entre os homossexuais.

- 25 Os meninos não procuram saber sobre o prazer de suas parceiras, uma vez que estas não tocam nesse assunto. A menina com quem só se fica uma vez, não é "digna" de preocupação "se é qualquer uma, foda-se, eu tive o meu prazer e quero que ela se foda!" (Cauã, 18 anos), porém, quando é uma garota conhecida, com a qual eles "ficam" há mais tempo¹⁴, a preocupação existe no sentido de que eles se sentem os "fodões"¹⁵ por proporcionar prazer à menina, em nenhum momento a parceira aparece como um personagem autônomo da narrativa e sempre o prazer dela é relacionado à potência sexual dele. Nesse sentido, a história de Carlos, 19 anos, é bastante elucidativa: ele ficou durante duas semana com uma menina e percebia que durante as relações sexuais, ela não tinha orgasmo, "eu notava, mas eu nunca cheguei a falar nada..." (tampouco a menina comentou o assunto), no entanto, em uma das vezes que eles ficaram juntos, ele percebeu que algo diferente estava acontecendo, pois as pernas dela começaram a tremer, ela ficou branca e ofegante, mas ao invés de continuar a narrativa falando que a menina teve um orgasmo, ele completa: "ah, até que enfim né (que ele a viu sentindo prazer)...Eu gostei, gostei...Foi aí que eu vi, parei assim e falei: pô, sou foda, velho!Eu sou foda!"
- 26 Das meninas entrevistadas, cinco já tiveram experiências sexuais e destas, duas disseram nunca terem tido um orgasmo, sendo que ambas namoram. Aline, 16 anos, é homossexual e namora há um ano e três meses; embora nunca tenha tido um orgasmo não conversa com a sua parceira (que já teve orgasmos), uma vez que isso não se constitui como um problema para ela, porém, quando questionada sobre o que na sua opinião seria o prazer, já que aparentemente ele não se encerra no orgasmo, ela diz que não sabe o que realmente lhe proporciona prazer, ficando espantada com a própria afirmação. Já Fernanda, 17 anos, namora há três meses e já havia tido outros três parceiros sexuais antes do atual namorado, e acha que "a mulher é muito mais difícil de obter o orgasmo do que o homem, e o homem é bem mais rápido, então o homem tem o orgasmo dele, goza e já era... porque se o homem goza, acabou o homem, acabou tia, não é verdade? (risos) Mano, se o homem goza, acabou o sexo, a mulher tá lá: vai filho da puta! Mas acabou, ele deita e dorme (risos)". Na sua narrativa o orgasmo aparece como algo muito distante, quase impossível de se obter junto com o parceiro¹⁶, "eu acho que pra você conseguir fazer uma menina ficar com orgasmo é muito difícil... Assim, você tem que ser... Não é "o cara", mas assim...Vamos dizer assim, todos os homens têm o seu diferencial, né... Então, mas assim tem que ter muita paciência, não tem que pensar só nele e isso não acontece com os homens. Então é bem difícil encontrar um homem que pense em você antes de pensar nele". Fernanda não conversa com o namorado sobre isso, mas diz que uma hora essa conversa terá que acontecer, "porque também ninguém aguenta, não é, tia?". Sobre Fernanda é importante salientar que ela é considerada a menina mais sensual da escola, sendo bastante expansiva e tendo sido apelidada de "*delicious woman*" por alguns garotos¹⁷.
- 27 A falta de conversa acontece também com as meninas que já tiveram orgasmos em suas relações sexuais; na verdade a problemática do prazer ultrapassa a questão do orgasmo e nesse grupo de jovens algumas já fingiram estarem sentindo prazer (não necessariamente fingem um orgasmo, nenhuma delas relatou que já fingiu orgasmo, embora todas tenham amigas que o façam) quando não estavam, "a gente acaba fingindo que tá com muito prazer, mas não é tudo isso... Eu finjo para não deixar o cara mal e para ele me chamar de novo, senão ele pode pensar: ah, ela nem tá mais com vontade, então vou procurar outra"

(Helena, 17 anos). Além de fingirem sentir prazer, as jovens também relataram que algumas vezes mantêm relações sexuais quando não estão com vontade, novamente Helena exemplifica a situação: “Eu já fiz sem vontade, acho que foi porque eu tenho muito afeto por ele e não quero dizer não. Ai eu vou e faço. A última vez que eu fiz com ele, eu tava muito sem vontade, muito mesmo. E aí eu sentia que tava uma coisa chata, meio parada, é muito ruim”.

- 28 O “não deixar o cara mal”, “pra ele se sentir bem” aparece constantemente no discurso das meninas quando indagadas do porquê que as garotas fingem estar sentindo prazer. E os meninos concordam, “as meninas fingem para agradar o cara, com certeza! Total! Não tem o que falar disso! Porque as meninas, querendo ou não, elas querem ter orgasmo, não tem essa: Não eu não quero...Ah tá!” (Fábio, 16 anos); “Sei lá porque as meninas acabam fingindo...Às vezes pra não magoar o parceiro né? Eu ficaria magoado...” (Cauã, 18 anos). Esse “ficar magoado”, explica-se no sentido de que o garoto, sabendo que não satisfaz a parceira, sente sua virilidade ameaçada, uma vez que “a gente vai achar que não sabe fazer” (Breno, 18 anos). No grupo focal esse ponto ficou muito explícito, pois todos concordaram que uma menina que porventura dissesse a eles que não sentiu prazer seria classificada como “*malvada*”. É interessante notar que o prazer masculino nas relações sexuais é tido como *natural*, não necessitando ser problematizado: “o homem sempre sente prazer, é automático, é sempre bom, estamos sempre dispostos” (Bruno, 18 anos).
- 29 A masturbação (sobretudo a feminina), o prazer auto-erótico, ainda é um tema tabu para os jovens. Apenas duas meninas disseram que já se masturbaram, mesmo assim, frisando que já não o fazem mais. As representações que todas as entrevistadas têm sobre o assunto, de alguma maneira desembocam no que poderíamos chamar de “nojo” do próprio corpo. “Pra eles seria uma coisa normal, pra menina não, se a menina fala: já me masturbei, olham pra ela com uma cara tipo: sua nojenta” (Fernanda, 17 anos); “Nunca me masturbei, nunca! Já tive curiosidade, mas ai não sei, ai...não! E inclusive meu ex-namorado, eu tava transando com meu ex-namorado e antes a gente já tinha conversado sobre isso e ele perguntou e eu falei que não. Aí a gente tava lá e ele pegou a minha mão e colocou lá e eu comecei a gritar: Pára, Maurício! Eu tirei a mão e falei assim: não!!! Que nojo!!!” (Karina, 16 anos). Outro fator que contribui para que as meninas não se masturbem são as opiniões que os meninos têm sobre o assunto, “é mais pelos meninos, que se souberem vão falar: ah, sua siririqueira! Vão ficar zoando, sabe... A gente não fica, e aí punheteiro, mas os meninos iam cair, nossa! Ficar zoando...É bem a cara de menino fazer isso, mas tudo bem” (Karina, 16 anos); “A menina não pode fazer nada de errado. Pro homem já é mais certo, e daí que o homem sente prazer? Ninguém questiona. Agora, se a mulher sente prazer, eu acho que é mais 'criminalizado', vamos dizer assim” (Camila, 16 anos). E de certa forma, elas têm razão. Todos os meninos entrevistados disseram “achar estranho” uma menina se masturbar, “a menina fica mal visada” (Carlos, 19 anos). Numa situação de namoro, a masturbação feminina parece ser encarada pelos garotos como um sinal de que eles “não estão dando conta” e dessa forma vista de maneira negativa, “eu acho que não tem necessidade, porque mano, o que eu dou já é o suficiente...Não precisa disso!” (Carlos, 19 anos).
- 30 Já a masturbação masculina é compreendida como um “*fato dado*” para os jovens, tanto meninas e meninos acham *natural* que o menino tenha experiências auto-eróticas antes de iniciar sua vida sexual com parceiras. Porém, é interessante destacar que a masturbação masculina não está relacionada com a afirmação da virilidade. Muito pelo contrário, a maioria dos garotos afirmaram que se masturbavam quando eram virgens e que agora

"*não precisam mais disso*", uma vez que podem encontrar parceiras sexuais. O exercício da masturbação ficaria restrito aos garotos "*feinhos*" e "*nerds*" que não conseguiriam "pegar ninguém". Dessa forma, entendendo que a "própria masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais ou menos masculino), em que se detectam modelos hegemônicos e variantes subordinadas" (ALMEIDA, 1996, p. 235), podemos perceber que os garotos que se masturbam depois de terem "perdido" a virgindade, são considerados por seus pares como "menos viris", uma vez que não possuem acesso a parceiras sexuais reais.

- 31 O uso de preservativos também foi um tema recorrente na conversa que tive com os alunos, pois todos concordam que o seu uso diminui a sensação de prazer durante as relações sexuais. Desse modo, em algumas situações, acabam abrindo mão do seu uso: "sem camisinha é bem melhor! Várias, nossa! Várias vezes... Esse foi o meu problema, várias vezes a gente fazia sem... Tomei pílula do dia seguinte umas quatro, cinco vezes... Ai, mas é porque assim... Camisinha não faltava, mas a gente sempre caía naquela: ai, só um pouquinho e esse pouquinho vira mais um pouquinho e no final a gente não colocava..." (Karina, 16 anos); "Eu não gosto, eu não consigo ter um orgasmo com camisinha, é raro eu ter um orgasmo com camisinha... Mas, eu tenho que usar, né? Com quem eu não conheço. Com quem eu conheço, eu não uso..." (Bernardo, 17 anos, homossexual); "Eu acho que a camisinha realmente diminui o prazer... É bem melhor sem..." (Cauã, 18 anos).
- 32 A princípio as meninas têm medo de manter relações sexuais sem preservativos, porém conforme vão "conhecendo" o parceiro, passam a "confiar" nele e seu uso é deixado de lado, "Quando a gente usava era um saco, eu falava, mas se deixasse por ele toda vez a gente teria feito sem camisinha, porque é ótimo, mas eu falava 'não'... No começo quando a gente começou a namorar, quando eu perdi minha virgindade, a gente só fazia com camisinha, depois que eu fui relaxando e depois praticamente todas as vezes a gente foi sem" (Karina, 16 anos), desse modo tanto a confiança no menino (que em todos casos insistiu muito para que elas experimentassem o não uso do preservativo) e o "clima" do momento, fazem com as garotas abram mão desse método que para esses jovens é mais contraceptivo do que preventivo para DST/AIDS. Uma gravidez não desejada é uma realidade muito mais próxima para eles do que a contaminação por alguma doença. Sendo assim, todas as meninas entrevistadas que possuem uma vida sexual ativa já fizeram o uso da pílula do dia seguinte, "já usei pílula do dia seguinte, foi com o Walter... A gente não usou camisinha porque ele não gosta" (Fernanda, 17 anos).

Muitas questões em aberto....

- 33 As relações estabelecidas pelos jovens e suas narrativas sobre elas mostram o quanto a hierarquia de gênero ainda é operante dentro dos relacionamentos sexuais/amorosos. O gênero é entendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas a partir de como as diferenças biológicas entre "homens" e "mulheres" são percebidas e como essas diferenças são organizadas em termos de relações de poder (SCOTT, 1990).
- 34 A escola mostrou-se um ambiente onde podemos observar formas diversas de performatividades sexuais (BUTLER, 1999), uma vez que há casais heterossexuais, casais homossexuais compostos tanto por meninas quanto por meninos, além de meninas que ficam tanto com meninos quanto com meninas e se consideram heterossexuais.

- 35 Apesar do fato do gênero ser extremamente marcado nas relações heterossexuais vivenciadas por estes jovens, as garotas possuem maior performatividade sexual (BUTLER, 1999), uma vez que muitas delas “ficam” com outras meninas, sem necessariamente se identificarem como “bissexuais”. Para os meninos essa “flexibilidade” é impossível, uma vez que existe uma fronteira bem demarcada entre o “ser homem” e o “ser gay”. Porém, quando entrevistei algumas dessas meninas, pude perceber que essa “ficada” baseia-se sobretudo em beijos, não havendo qualquer tipo de “pegação” mais forte. A única entrevistada que narrou ter “transado” com outra menina (e que se considera heterossexual), salientou que não tocou na garota, sendo apenas “passiva” (FRY, 1982), “quando eu transei com menina ela que colocou o dedo em mim, eu não coloquei o dedo nela...Credo!!! que nojo!”¹⁸. Outra entrevistada disse que fica com garotas por “curiosidade” e que essa prática lhe ajuda a “se descobrir”, pois ainda não sabe qual é a sua orientação sexual¹⁹. Pensar um pouco sobre quais são os limites dessas “performances sexuais” e o quanto elas se relacionam com a construção de identidades, uma vez que “a sexualidade desfruta/ocupa na cultura ocidental um lócus privilegiado da verdade do sujeito” (HEILBORN, 1996, p. 34), é um dos meus próximos objetivos, a partir do trabalho que começo a desenvolver para o mestrado em antropologia social (PPGAS/USP), desdobramento da pesquisa que apresento neste artigo.
- 36 Nas histórias que me foram relatadas, o corpo tem um papel fundamental, as experiências são subjetivadas e colocadas em discurso por esses sujeitos através da sua corporificação (WACQUANT, 2002). As experiências vividas pelos corpos juvenis são de importância particular em seus discursos, de modo que podemos pensar, assim como Wacquant, na “necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto, mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento” (WACQUANT, 2002, p.12). Um achado empírico importante da pesquisa é o fato de que embora as meninas tenham essa maior “flexibilidade”, elas “desconhecem” o próprio corpo, no sentido de que não se tocam, não se masturbam e não chegam ao orgasmo nas relações sexuais, e no caso dos garotos acontece exatamente o oposto. Um exemplo disso é a fala da garota que “transou” com outra menina, mas que não tocou nela por “nojo”. Essa categoria apareceu de forma enfática durante a pesquisa de campo. Esse nojo do próprio corpo está no discurso da grande maioria das jovens pesquisadas.
- 37 Durante o trabalho de campo, pude começar a compreender como essas performances corporais são acionadas nas brincadeiras entre os jovens e o sentido de construção de um “identidade” que lhes são devidas, o cigarro vira um “pênis” na mão da menina, que o encosta na vagina e faz movimento sensuais para as amigas; uma garota encosta um isqueiro na vagina da colega ao que ela responde: “aqui já está fervendo”. No intervalo observamos a disposição dos corpos no pátio, com meninas bastante arrumadas passeando de um lado para o outro numa clara tentativa de serem vistas, já os meninos ficam mais parados observando o movimento das garotas. Meninas se exibindo, meninos cobiçando. Ainda resta entender melhor até que ponto isso está de acordo com a lógica de gênero tradicional e qual o real poder de negociação das meninas em seus desejos.
- 38 Com o advento da AIDS, as pesquisas acerca da sexualidade juvenil, inclusive na própria antropologia, sofreram uma importante influência de modelos com abordagens biomédicas. Reconheço a importância das pesquisas nessa direção. Entretanto, minha proposta de pesquisa visa fugir desse tipo de abordagem, que na minha opinião muitas vezes trabalha em cima de modelos normativos, procurando divulgar a forma “correta” e “segura” de se vivenciar a sexualidade. Vejo como legítima a preocupação de pais e

educadores sobre a sexualidade dos jovens, mas, pretendo sair do lugar comum da prevenção de DST/AIDS e gravidez, pois acredito que a sexualidade vai muito além disso e existem outros fatores sociais importantes a serem analisados. Um grande campo de estudos se abre...

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel Vale de. "Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso no sul de Portugal". In: **Anuário Antropológico/95**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1996.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n.26, pp. 329-376, 2006.

BUTLER, Judith. "Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

----- . Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: ensaios sobre noções de poluição e tabu**. Lisboa: Edições 70, 1976.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, (Tese de Doutorado), 2008 .

FRAVET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". In: **Cadernos de Campo**, n.13, São Paulo: PPGAS/USP, 2005.

FIGUEIREDO, Regina; PUPO, Lígia; ALVES, Maria Cecília; ESCUDER, Maria Mercedes. **Comportamento sexual, uso de preservativos e contracepção de emergência entre adolescentes do município de São Paulo: um estudo com estudantes de escolas públicas de ensino médio**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2008.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

GEERTZ, Clifford. "Um jogo absorvente: notas sobre as brigas de galos balinesas". In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LCT, 1989.

GOLDMAN, Márcio. "Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia". In: **Revista de Antropologia**, v.17, n.48, São Paulo: PPGAS/USP, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. "Construção de si, gênero e sexualidade". In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

..... "Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social". In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs). **Sexualidades brasileiras**, Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1996.

..... **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FioCruz, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. "Pedagogias da sexualidade". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEYER, Dagmar; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra. "Sexualidades, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas". In: **Educação em Revista**, n.46, Belo Horizonte, 2007.

MONTEIRO, Simone. **Qual a prevenção? AIDS, sexualidade e gênero numa favela carioca**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2002.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. **Companion Encyclopedia of Anthropology**, Londres, Routledge, 1997. (Tradução para fins didáticos de Júlio de Assis Simões "Compreendendo sexo e gênero").

..... Fantasias de Poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, n.14, pp. 13-44, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever". In: *Revista de Antropologia* v.39, n.1, São Paulo: USP, 1996.

RIETH, Flávia. "A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens". In: **Horizontes Antropológicos**, n.17, Porto Alegre, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, n.16 (2), Porto Alegre, 1990.

..... O enigma da igualdade. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n.13 (1), pp. 11-30, 2005.

SILVA, Kelly. "O poder do campo e seu campo de poder". In: BONETTI, Aline e FLEISCHER, Soraya. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2007.

VANCE, Carole: A antropologia redescobre a sexualidade – um comentário teórico in: **PHYSIS. Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, pp.07-31, 1995.

WACQUANT, Lôic. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

WEEKS, Jeffrey: O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado- pedagogias da sexualidade**, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NOTAS

1. Realizei quatro grupos focais com alunos do terceiro ano – dois com meninas e dois com meninos – , nos quais utilizei cenas do programa PODSEX, exibido durante o ano de 2009 pela MTV, em que duas amigas conversavam sobre sexo, segundo o site da emissora, "com toda

naturalidade que o assunto exige". O programa foi utilizado como forma de motivar o debate com os alunos. Exibição esta, autorizada pela assessoria jurídica da emissora, mediante um acordo escrito.

2. O nome da escola, assim como dos alunos foram trocados para que suas identidades possam ser preservadas.

3. Expressão usada tanto pelos jovens quanto pela direção da escola para se referir a expulsão dos alunos.

4. Um número expressivo de alunos da escola faz consumo de drogas. Para se ter uma ideia, dos 13 alunos que entrevistei, 10 deles declaram usar drogas regularmente (sobretudo maconha, mas o consumo de cocaína também foi relatado).

5. Os dados quantitativos foram coletados através de um questionário que apliquei em todas as classes da escola. No período da manhã, a escola possui 298 alunos – dados da secretaria. Conseguiu-se uma amostra de 260 questionários, a partir da qual construí um banco de dados.

6. Happy rock é a expressão utilizada para designar bandas que se enquadram no "rock feliz" em evidente contraposição ao estilo que anteriormente predominava no cenário musical jovem, o "emo". A expressão foi criada pela banda Restart. Segundo um fórum de discussão de fãs de happy rock, ele é "um rock mais feliz, menos agressivo. Bandas que abusam de um visual mais 'contra padrões' do rock, usando peças e acessórios bem coloridos. Preferem falar de amor e 'festas' em suas composições, de uma maneira nada melancólica e nada pra baixo".

7. Aqui podemos notar a relação entre estilos e classe social, onde esse aluno oriundo de uma escola localizada na periferia da cidade não tinha "coloridos" entre seus colegas de escola.

8. Os alunos foram muito receptivos com Magda. Logo no seu primeiro dia de trabalho, cumprimentavam-na e sabiam o que ela faria na escola. Esse episódio me fez pensar no meu papel para os alunos, embora eu fosse "diferente" deles, ainda não tinha atravessado a fronteira para o grupo dos "adultos de verdade", leia-se: adultos que podem 'mandar' neles. Assim, eu não era nem uma amiga da idade deles, nem adulta.

9. A localização física que Magda ocupa na escola (próxima ao banheiro), facilita o seu contato com as histórias dos alunos, uma vez que o banheiro – principalmente o feminino, devido ao fato do diretor da escola não pode entrar ali – é tido com um local liminar pelos alunos, é a fronteira entre o permitido e o proibido. É lá que os alunos fumam cigarro, fumam maconha, usam lança-perfume, tomam bebidas alcoólicas, se escondem da fiscalização da direção, trocam confidências, utilizando-o ainda como um local de "pegação".

10. Recado enviado através do site de relacionamento Orkut.

11. Parceiro é a forma como os jovens de camadas populares chamam aqueles amigos com quem eles poderão contar em qualquer situação. Segundo Pedro, chamar alguém de parceiro é sinal de amizade fiel.

12. Segundo o questionário que apliquei aos alunos, 93% deles possuem acesso à internet em casa.

13. Entre os 13 entrevistados temos: cinco meninas que se declaram heterossexuais, uma menina lésbica, uma menina que ainda não sabe sua orientação sexual, cinco meninos héteros e um menino gay.

14. Para os jovens, esse "ficar mais tempo" significa que eles estão ficando há uma ou duas semanas com a mesma pessoa.

15. Expressão usada pelos jovens para designar o menino que tem a "pegada", ou seja, o garoto que possui um forte sex-appeal.

16. A única vez que Fernanda teve um orgasmo foi através da masturbação ("*Dá uns negócio mó estranho, né mano, nossa, é mó bom! Você fica mole*" [risos]), que ela não pratica mais, uma vez que só teve essa experiência para se "conhecer".

17. Ao final da entrevista, já com o gravador desligado, continuei conversando com Fernanda que comentava comigo as posições sexuais que mais gostava e me perguntava como poderia obter mais prazer com o seu namorado. Nesse momento chega uma outra aluna da escola, muito amiga

dela, que ao ouvir sobre o que conversávamos, disse: "*você está me saindo uma bela de uma puta, hein Fernanda*". Isso pode nos dar pistas sobre a imensa regulação que ainda se exerce à plena autonomia sexual por parte das próprias meninas.

18. Regina FACCHINI (2008) problematiza o fato de que tanto no senso comum, quanto entre profissionais de saúde, especialmente ginecologistas, práticas que não envolvam a penetração de pênis em ânus ou vagina não costumam ser consideradas como sexo, mostrando que muitas mulheres com práticas homoeróticas classificam diferentemente suas práticas como sendo eróticas ou não, sendo considerados o contexto em que a relação se dá, o grau de intimidade entre as envolvidas, uma hierarquização de práticas mais ou menos "íntimas", o fato das parceiras estarem vestidas, ou não, no momento da prática, o fato da prática produzir, ou não, orgasmo na parceira, entre outros (pp. 44-45).

19. Em seu trabalho sobre gênero e identidade sexual no contexto igualitário, HEILBORN (2004), apesar do fato de estar pesquisando adultos de camadas médias intelectualizadas, também chama a atenção para este ponto, pois para seus sujeitos de pesquisa a experimentação de relações amorosas é percebida como um laboratório, e é dentro dessa moldura que se pode entender o apelo que a bissexualidade exerce naquele contexto.

RESUMOS

O presente artigo discute a entrada em campo numa escola pública de ensino médio, para a realização de uma etnografia sobre as experiências sexuais vivenciadas pelos jovens, em que o interesse eram os discursos acerca do prazer sexual. O objetivo é perceber como (e se) o gênero construído socialmente relaciona-se com os discursos sobre as experiências afetivo-sexuais dos sujeitos. Procuro compartilhar e refletir sobre as dificuldades de inserção entre os estudantes, as descobertas feitas durante o trabalho de campo, as novas temáticas que surgiram durante a pesquisa, as análises do material e seus desdobramentos.

This article discusses the entrance into the work field in a public senior high school in order to produce an ethnography about the sexual experiences carried out by the youngsters, in which the interest was the discourses concerning sexual pleasure. The objective is to perceive how (and if) the socially constructed gender relates to the other discourses about the affective-sexual experiences of the subjects. It is intended to share and reflect on the difficulties of insertion among the students, the discoveries made during field work, the new thematic that came forth during the research, the analysis and its developments.

ÍNDICE

Keywords: sexuality, gender, youth

Palavras-chave: sexualidades, género, juventude

AUTOR

ANE TALITA DA SILVA ROCHA

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

ane.rocha@usp.br